



Simone Chinwa Lo está no 6º ano de Medicina na Pinheiros, onde entrou em 2004. Prepara-se para a prova de Residência em Clínica Médica no Hospital das Clínicas e pretende, depois, especializar-se em Geriatria, mas tem Cardiologia como opção. Aqui, sua história no colégio, na faculdade, na Iniciação Científica, nos plantões – sua vida de estudante prestes a se formar médica.

▶ Simone Chinwa Lo

“Fui de coração aberto para a Pinheiros. Não me decepcionei.”

JC – Quando e por que você decidiu fazer Medicina?

Simone – Sempre gostei muito de Biologia e Química. Pensei em várias carreiras – Biologia, Farmácia, Biomedicina –, mas no 2º ano aqui no colégio acabei optando por Medicina. Essa decisão se firmou no 3º ano.

Como você conheceu o colégio?

Meus tios tinham matriculado meus primos no Etapa e depois disseram à minha mãe que o colégio era bom para preparar para uma faculdade boa. Aí meus pais me trouxeram. Entrei na 8ª série.

Ao decidir que prestaria vestibular para Medicina, você mudou seu método de estudo ou manteve o que vinha fazendo?

Acabei mantendo, apenas ampliei o tempo de estudo em casa. Como o Etapa tem o esquema de provas diárias, você acaba estudando todos os dias. Se na terça-feira tinha prova de Física, na segunda-feira à noite eu estudava Física. Se na quarta-feira tinha Matemática, na terça-feira à noite eu estudava Matemática. E assim por diante. Até o 2º ano eu estudava umas duas horas à noite. No 3º colegial passei a estudar mais tempo e mais matérias por dia.

No 3º ano você estava confiante em relação ao resultado que poderia obter no vestibular?

Em relação à 1ª fase da Fuvest eu estava tranquila por causa daquelas provas, nas segundas-feiras à tarde, em que caía tudo. Sempre tirava nota acima do corte do ano anterior. Eu estava um pouco mais preocupada com a 2ª fase. Mas desde o 1º ano do colégio eu vinha prestando Fuvest como treineira e já sabia como era a prova. No 1º ano, quando fui escrever meu nome na prova, minha mão tremia. No 3º ano, quando foi pra valer, estava tranquila.

Além da Fuvest, você prestou quais vestibulares?

Prestei também Unicamp, Paulista e Vunesp. Fui aprovada na 1ª lista da USP, Unicamp e Paulista. Na Unesp, acho que fiquei na lista, não lembro.

Em seu início na Pinheiros, o curso atendeu às suas expectativas ou houve alguma decepção?

No começo você fica muito na sala de aula e algumas pessoas se mostraram um pouco decepcionadas. Eu, sinceramente, como fui de coração aberto para a Pinheiros, não me decepcionei.

Durante o curso você chegou a ter dúvida com relação à carreira que escolheu?

Não, nunca tive, sempre gostei do curso. Desde o 1º ano fui atrás de atividades mais práticas, que permitiam contato com pacientes. ➔

Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Medicina.	1
desafio	4
Um por dia(?)	4
conto	5
Vinte anos! Vinte anos! – Machado de Assis.	5
artigo	7
Diferenças e diversidade	7
sobre as palavras	7
A arte é uma mentira que revela uma verdade.	7
pois é, poesia	8
Florbela Espanca	8

Quais foram essas atividades?

No segundo semestre do 1º ano, a gente tem dois períodos livres, em que se pode encaixar matérias optativas, ligas e outras atividades. Usei um dos períodos para acompanhar médicos residentes em consultas normais de ambulatório, no Hospital das Clínicas. Eles explicavam como era o atendimento, às vezes me deixavam medir pressão. Depois comecei a participar de ligas acadêmicas, especialmente as mais clínicas, em que se atendem pacientes.

Você participou de quais ligas?

Fiz as ligas de Pediatria Comunitária, Geriatria, Epilepsia, Pré-Natal e Obesidade Infantil.

Cada liga dedica-se a uma determinada área?

Cada liga é diferente. Por exemplo, a Liga da Hipertensão, além de atender pacientes, faz uma discussão legal para o aluno aprender como é o tratamento dos hipertensos. Também há ligas cirúrgicas em que o pessoal só discute artigos científicos.

Além das ligas, o que mais você fez?

Voltei às aulas de Chinês, que eu tinha suspenso para me preparar para o vestibular, estudei também Alemão e fiz Iniciação Científica.

Iniciação Científica você fez em que ano?

Comecei no 2º ano da faculdade. Foi até o 5º ano.

Tinha bolsa?

Tive bolsa do CNPq no 4º ano e no primeiro semestre do 5º ano.

Qual era o tema da pesquisa?

Infectologia. Participei de um estudo sobre adoecimento de viajantes, feito no Ambulatório dos Viajantes do Hospital das Clínicas. Foi publicado na *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* e também foi apresentado em formato de pôster em um congresso internacional em Budapeste.

Qual era o título do trabalho? Você pode descrevê-lo?

O título é "Vacinação dos viajantes: experiência do Ambulatório dos Viajantes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo". Era sobre vacinas e orientações gerais durante as viagens. A maioria das pessoas pesquisadas não estava com as vacinas em dia. Justamente por terem procurado o ambulatório, conseguimos atualizar todas as vacinas, incluindo tétano, hepatite B, sarampo.

Normalmente a pessoa que viaja pega doença por falta de vacina?

Não. A parte mais importante é a orientação em relação a alimentos, à água, a mosquitos, porque muitas pessoas que procuravam o HC iam para a África, para a Índia, que são lugares que têm malária.

Como se desenvolve o curso de Medicina?

É grade fechada do 1º ao 6º ano. A maioria das matérias é obrigatória. A única diferença, no 5º e no 6º ano, é que os 180 alunos que entraram não passam ao mesmo tempo pelas matérias. A gente vai rodando em grupos pelos diferentes estágios, mas no final todo mundo terá feito os mesmos estágios.

A turma é dividida em grupos?

Isso, a gente chama de "painéis". Cada painel vai participar de um determinado estágio. Eu agora estou no HU [Hospital Universitário], na área de Cirurgia. É meu último estágio. Outra painel está em Clínica, outra está na Pediatria.

Vocês ficam quanto tempo em cada estágio?

Depende. Tem estágio de três semanas, de um mês, de dois meses.

O que você estudou em cada ano do curso?

No 1º ano, foram as Anatomias, Biologia Molecular, Bioquímica e acho que Biologia Celular. No 2º ano, algumas Fisiologias e começamos a ter Propedêutica Clínica, que é aprender as técnicas para fazer o exame físico – como examinar o pulmão, exame cardíaco, exame abdominal. No 3º ano, continuaram as propedêuticas, só que um pouco mais dirigidas: Propedêutica Neurológica, Propedêutica Cardíaca. E tem as patologias. No 4º ano, tem Infectologia, Obstetrícia, Ginecologia, Pediatria, Neurologia e outro bloco que é Clínica e Cirurgia. Nos dois últimos anos, 5º e 6º, é o internato, quando você praticamente vive no hospital. Estagia trabalhando no pronto-socorro, na enfermaria, dá plantão de dia e à noite.

Como são os plantões?

São de 12 horas. No 5º ano, como tem muito estágio de enfermaria, os plantões em geral são noturnos. De dia você fica na enfermaria trabalhando com todo mundo e à noite dá plantão junto com residentes. No 6º ano, que é o ano das emergências, a gente dá plantão no pronto-socorro. É plantão de dia, à noite, no fim de semana, em feriado.

Os plantões são obrigatórios?

São obrigatórios, fazem parte do internato.

Como você descreve cada ano da faculdade?

O 1º ano é de adaptação mesmo, conhecer pessoas novas. Mais adaptação. O 2º ano é meio pesado, meio difícil. No 3º ano você se sente mais médica. O 4º ano volta a ser pesado, mas é bem legal, aprende-se muito. O 5º ano é meio chato, você começa a ter internato, mas é enfermaria praticamente. Não tem tanta emoção. O 6º ano é o melhor de todos. É um ano em que, apesar de você trabalhar muito, ao mesmo tempo tem bastante tempo para estudar. É o ano em que você realmente vive a medicina, respira o que é trabalhar no hospital. Seria perfeito se não fosse a prova de Residência no fim do ano.

Você vai prestar Residência para qual área?

Clínica Médica, que dura dois anos. Depois eu pretendo prestar de novo Residência para uma especialidade clínica. Penso em Geriatria. A segunda opção talvez seja Cardiologia, mas pode mudar nos dois anos de Clínica Médica.

Você vai prestar prova para Residência em quais hospitais?

Só no HC.

Quantas vagas e quantos candidatos tem?

Quantos candidatos ainda não sei, mas são 41 vagas para Clínica Médica. Cada especialidade tem um número de vagas. Psiquiatria, por exemplo, tem 11 vagas este ano.

Além do HC, quais outros hospitais são bastante procurados para Residência?

A Paulista, a Santa Casa, a Unicamp, o Hospital do Servidor Público. Depende muito da especialidade que você quer fazer. Clínica é bom na Paulista e na Santa Casa. Psiquiatria é bom no Servidor Público.

O que cai na prova para Residência?

Caem os grandes temas: Pediatria, Clínica, Cirurgia, Epidemiologia, Gineco-Obstetrícia. No HC são 20 questões das grandes áreas.



Dissertativas?

Todas as questões são dissertativas. Na Paulista são testes, na Unicamp é um sistema misto. Depende de cada escola, mas é sempre em relação às grandes áreas.

Tem uma 2ª fase?

Tem uma 2ª fase que no HC é a prova prática. É tipo simulação, que a gente chama de estação. Numa estação, que pode ser de cirurgia, você entra e tem de simular o atendimento a um paciente no pronto-socorro. Você tem de fazer algumas coisas, tem de saber o que perguntar, que exames vai pedir e por quê, tem de saber alguns detalhes da cirurgia – por exemplo, como é a técnica para fazer uma apendicectomia.

Tem entrevista?

É a 3ª fase. Entrevista e análise do currículo.

Ha alguma preparação especial para a prova de Residência?

Não, só temos o internato mesmo. No internato, a gente vai perguntando aos médicos como foi a experiência deles, como cada um estudou para entrar na Residência, mas é muito por sua conta. É sua vivência na faculdade mais seu estudo próprio em casa depois.

Qual é sua maior motivação hoje na Medicina?

Eu acho que é a satisfação de ajudar as pessoas. Mesmo saindo muito fatigada depois de um plantão de 12 horas, você se sente bem, porque ajudou alguém, fez alguma diferença. Acho que é mais isso.

Como está o mercado de trabalho para os médicos?

O Brasil precisa muito de médico ainda. É fácil arranjar emprego, mas quem acaba de se formar geralmente tem de dar plantão em vários lugares para se manter. A menos que você queira trabalhar em lugares um pouco mais distantes, que pagam mais. Por exemplo, no programa Saúde da Família é uma vida mais tranquila. Mas se você quer ficar em São Paulo é mais difícil. Tem de trabalhar em vários lugares.

Daqui a uns 10 anos você se imagina como, profissionalmente?

Eu gostaria muito de estar trabalhando ainda no HC, porque é onde eu acho que dá para crescer bastante, continuar aprendendo, manter-se atualizada. É onde tem mais pesquisas científicas, onde você tem contato com aquelas pessoas que são especialistas, são referências nacionais.

Você já teve paciente que morreu?

Já, vários.

Como foi a primeira experiência?

É meio traumático. Alguns faleceram depois que eu já tinha terminado o estágio, já estava em outros. Mas teve uma paciente que morreu quando eu estava dando meu plantão. Era de idade, tinha 80 e poucos anos. Era minha paciente mesmo, que eu via todos os dias na enfermaria. Fiquei bem triste.

Quem deu a notícia para a família? Você ou um médico?

Apesar de ser aluna do 5º ano, tive de dar a notícia à filha, que estava no hospital. Foi pesado. Na hora você não sabe muito o que fazer. Você dá a notícia, mas não sabe se dá o ombro para chorar. É um momento muito íntimo para a pessoa.

Como você vê a questão da humanização do médico?

Até o 4º ano eu escutava muito mais os pacientes. No 5º,

6º ano, quando começa a ver muitos casos, acho que você procura ser menos emotiva. Se não fizer isso, acho que não aguenta a Medicina.

Você se fecha um pouco para aguentar o tranco?

A gente faz estágio em hospital público e a saúde pública tem suas falhas. É tudo mais devagar, você não consegue fazer os exames com a mesma rapidez de um hospital particular. Muitas vezes você tem de explicar isso para o paciente e para os familiares, nem sempre eles entendem e às vezes podem até ficar bravos com você. Você tem de se proteger. Tem, de certa forma, de ficar menos emotiva, ou não aguenta mesmo. É um estresse psicológico muito forte.

Você acha que a formação que está tendo garante uma qualificação adequada para o exercício profissional?

Acho que a gente sai preparada para atuar profissionalmente, sim.

Quais são seus planos para o ano que vem?

Eu pretendo iniciar a Residência, talvez dar uns plantões nos fins de semana, voltar a fazer Alemão – que eu fiz até o 5º ano mas parei por causa do 6º ano – e eventualmente viajar, dar uma descansada.

Como o colégio foi importante durante a faculdade e até hoje no seu dia a dia?

No colégio conheci pessoas que são minhas amigas até hoje, isso foi muito legal. E o colégio me ajudou a perder um pouco o medo de provas, a lidar melhor com o tempo, a me programar para fazer minhas coisas. Na faculdade não tem provas todos os dias, mas desde o começo eu me organizei e estudei um pouco sempre. Isso foi bom.

O que foi mais marcante para você no colégio?

O que me marcou bastante foram os professores. Principalmente no final do 3º ano, quando tem toda aquela despedida.

O que você diria a quem vai prestar Medicina no fim deste ano?

Medicina é muito legal. Se eu não tivesse feito Medicina, não sei o que faria. Mesmo se você não passar este ano, não é o fim do mundo. Continue estudando bastante e preste vestibular de novo.

Jornal do Colégio ETAPA

Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343